

MERCADO DE PRODUTOS

1 - CAFÉ

A reunião, realizada em Londres de 22 a 31 de abril de 1993, foi a última tentativa dos países envolvidos no Acordo Internacional do Café de encontrar um consenso para a reintrodução das cláusulas econômicas suspensas em 1989.

Com o fracasso desse encontro, os países produtores iniciaram uma série de reuniões unilaterais, lideradas pelo Brasil, Colômbia e Costa Rica, com o intuito de encontrar seu próprio caminho que possa contrabalançar a difícil situação conjuntural por que passa o setor cafeeiro. De concreto, está decidido que os países produtores deverão reter 20% da produção exportável, esperando com essa estratégia neutralizar os efeitos dos estoques mundiais excedentes de café sobre os seus preços. Caso essas medidas sejam bem sucedidas acredita-se que mais de 14 milhões de sacas de café deixarão de ser comercializadas no mercado mundial, o que poderá, de fato, causar impacto positivo sobre as cotações, já que esse volume representa quase 1,5 vez os estoques excedentes nos países consumidores, estimados em 10 milhões de sacas.

O Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA) calcula a safra brasileira para 1993 em 28,5 milhões de sacas, número bem superior às estimativas que correm no mercado, que têm variado de 18 a 24 milhões de sacas. Acredita-se que esses dados estejam superestimados em pelo menos 5 milhões de sacas. O USDA aponta, por exemplo, para São Paulo, Minas Gerais e Paraná, respectivamente, 5,5, 13,0 e 3,0 milhões de sacas, mas os dados correspondentes de que se dispõem são de 3,6 (dados do Instituto de Economia Agrícola - IEA), 10,0 e 2,0 milhões de sacas. A propósito, deve ser mencionado que analistas de *commodities* dos Estados Unidos concordam que o USDA tem superestimado a safra brasileira de café nos últimos anos.

Em função dessa política de retenção da produção exportável, os preços de café têm subido nos últimos dias, alcançando atualmente mais de CR\$6.500,00 a saca (tipo 6 bebida dura), em nível

de produtor, ou seja, mais de US\$80, e com perspectivas de novos aumentos para os próximos meses.

Luiz Moricochi

2 - FEIJÃO

Os preços recebidos pelos produtores paulistas de feijão cariquinho, em julho, apresentaram queda real de 27,3% relativamente ao mês anterior. Esta queda era totalmente previsível devido à característica própria do mês, quando o consumo de feijão é reduzido em função das férias escolares, enquanto a oferta mantém-se estável. Convertendo-se ao câmbio do dólar comercial, verifica-se uma perda real de 25%. Enquanto a cotação média em junho foi de US\$35,00/sc. 60 kg, em julho, o produtor obteve apenas US\$26,20/sc. com receita líquida inferior a 5%.

A situação não foi pior para o produtor paulista porque os elevados custos de transporte dificultaram a colocação do produto dos outros estados. Diante deste fato e do nível do preço que caiu para menos de US\$25,00/sc. na última semana de julho, os produtores de feijão do Estado de São Paulo retiveram o seu produto.

Em São José do Rio Preto, por exemplo, os cerealistas pagaram CR\$1.600,00/sc. de feijão na última semana de julho e já no dia 2 de agosto só conseguiram adquiri-lo a CR\$2.400,00/sc. Em agosto, o mercado paulista continuará sendo abastecido pela produção de sequeiro das regiões de Presidente Prudente, Araçatuba e São José do Rio Preto, e de irrigado das regiões de Barretos, Campinas e Ribeirão Preto. O Estado também continuará recebendo produto de Rondônia e Goiás, passando a receber também, provavelmente, de Minas Gerais.

O mercado varejista está bem abastecido, apresentando pequenas variações nos preços médios semanais. O consumidor das redes de hipermercados está sendo beneficiado com ofertas bastante vantajosas de feijão, com preços até mesmo abaixo do custo.

Enquanto a população da periferia está comprando feijão a CR\$60,00/kg em média, os hipermercados localizados nas regiões centrais estão oferecendo feijão abaixo de CR\$40,00/kg. Estas ofertas poderão reaquecer o consumo, o que poderá conduzir a um reajuste de preços acima da taxa de inflação, em nível de varejo.

Luiz Carlos Miranda

3 - MILHO

A produção mundial do ano comercial 1993/94 deverá atingir 486 milhões de toneladas, de acordo com estimativa de julho do USDA. Esse volume corresponde a uma redução de 7,7% em relação à temporada anterior e deve-se exclusivamente à queda prevista da produção norte-americana, de 17,2%, em função das chuvas excessivas que vêm prejudicando a cultura do milho no Meio-Oeste daquele país. A produção dos Estados Unidos é estimada em 199,4 milhões de toneladas e o estoque final da temporada 1993/94 no país deve cair 23,3%. Os estoques mundiais no final do ano comercial 1993/94 deverão totalizar 79,3 milhões de toneladas, 22,8% menor que os do ano anterior.

A mais recente previsão da safra 1992/93 da Companhia Nacional de Abastecimento (CONAB), com base em levantamento realizado no início de julho, indica produção brasileira de 26,8 milhões de toneladas de milho, 8,6% a menos que a do ano anterior. A safrinha, com a colheita em andamento, deverá atingir 2,0 milhões de toneladas, 40,8% a mais que o obtido no ano passado. A produção total (primeira e segunda safras) deverá alcançar 28,8 milhões de toneladas, 6,3% a menos que a do ano precedente.

O quadro de suprimento interno, de acordo com revisão da CONAB de julho, revela previsão de importação de 980 mil toneladas, que somada à produção de 28,8 milhões de toneladas e ao estoque inicial de 3,4 milhões de toneladas, corresponde a uma oferta total de 33,2 milhões de toneladas. O aumento de 4% do suprimento é ligeiramente menor que o incremento da demanda prevista, de sorte que o estoque final em 1992/93 deverá ser de 3,2 milhões de toneladas, cerca de 6% menor que o da temporada

anterior.

No Estado de São Paulo, o início da comercialização da safrinha não foi suficiente para conter a alta de preços em julho, refletindo a intensificação das compras por parte dos consumidores, para recomposição de seus estoques. Os preços apresentaram sucessivas e acentuadas elevações, situando-se a média em torno de CR\$455,00 por saca, cerca de 46% acima da média do mês anterior. O preço mínimo de garantia da safra 1992/93 foi reajustado em julho para CR\$336,86 por saca de 60 kg e válido para todo o Centro-Sul e a região Bahia-Sul.

O Governo Federal divulgou, em 21 de julho, o Plano da Safra 93/94, o qual apresenta como principal aspecto a instituição da equivalência produto para crédito de custeio às culturas de milho, arroz, feijão, mandioca, algodão e trigo, limitado a 960 mil Unidades de Referência Rural e Agroindustrial (UREF) por produto. Para os casos específicos do milho e do arroz de sequeiro decidiu-se pela ampliação da regionalização dos preços mínimos. Assim, os produtores de milho de Mato Grosso e Tocantins terão garantia de preço mínimo 5,06% menor que os dos estados do Sul, Sudeste, Centro-Oeste e Bahia-Sul. Os produtores de Rondônia terão garantia de um preço mínimo 9,95% menor que os da Região Sul-Sudeste.

Alfredo Tsunechiro

4 - TRIGO

Desde meados de julho o preço do trigo norte-americano vem se elevando devido ao atraso da colheita do trigo de inverno, em função das chuvas que atingiram a área de produção e do aumento da demanda para exportação sob o Export Enhancement Program (EEP).

No Brasil, em agosto, será iniciada a colheita do trigo no Mato Grosso do Sul, o que aumentará a quantidade de grão disponível, pois 700 mil toneladas de trigo "egafado" da safra 1992 ainda estão com as cooperativas e os produtores.

No Estado de São Paulo, as vendas realizadas após o diferimento do ICMS do trigo foram inexpressivas, havendo estoques significativos para a época, uma vez que, em setembro, será iniciada a

colheita da nova safra. Os preços variam de US\$154,00 a US\$158,00.

Continuaram ocorrendo leilões oficiais de trigo, porém, a demanda tem sido fraca, pelo fato de os moinhos estarem abastecidos.

Um fator que poderá estimular o consumo do trigo nacional, além da alta de preço no mercado externo, é a elevação da tarifa de importação de trigo de 5% para 10%, que só não incidirá sobre o trigo argentino devido ao acordo bilateral realizado entre os dois países. Esta tarifa irá vigorar até que seja adotada a Tarifa Externa Comum no âmbito do MERCOSUL. Além desta medida, poderá haver aplicação de tarifas compensatórias contra importação de produto subsidiado na origem.

As condições de desenvolvimento da cultura do trigo no Estado de São Paulo são boas. No Paraná, a ocorrência de geadas nos primeiros dias de agosto afetaram parte das lavouras de trigo que ainda estavam susceptíveis ao frio, não existindo até agora estimativas de perda.

Ana Victória Vieira Martins Monteiro

5 - BOVINOCULTURA DE CORTE

As cotações do boi gordo apresentaram-se em elevação no decorrer de julho, com negócios realizados em média a CR\$1.440,00 nas principais regiões produtoras do estado.

A escassez de animais deu suporte aos aumentos das cotações do boi gordo e efetivamente o mercado já apresenta as características de entressafra. Também há o fato de que o mercado trabalha "enxuto", ou seja, os frigoríficos não estão estocados, portanto, as bolhas de consumo, que ocorrem no período de recebimento dos salários, favorecem o poder exercido pelos pecuaristas para forçar novos aumentos.

Esses aumentos estão sendo repassados aos outros níveis de comercialização.

Em julho foram leiloadas cerca de 15 mil toneladas de carne dos estoques reguladores do Governo, agora situados em 25 mil toneladas, que deverão ser desovados nos próximos meses.

Nos níveis atuais de consumo, segundo técnicos da Companhia Nacional de Abastecimento

(CONAB) 20 a 30 mil toneladas de carne são suficientes para atenuar os efeitos dos baixos níveis de oferta sobre os preços da carne bovina.

A concessão de uma parcela fixa de 5 mil toneladas da cota Hilton junto à CEE e a revogação da suspensão das exportações brasileiras de carne a partir de 1º de agosto de 1993 poderão favorecer os pecuaristas no segundo semestre, influenciando no aumento da demanda por parte dos frigoríficos exportadores. Este favorecimento depende da missão técnica da comunidade econômica que virá em setembro ao País com o objetivo de reavaliar as condições sanitárias em relação à febre aftosa e ratificar ou não a decisão prévia de interromper as importações de carne bovina, provenientes do Brasil a partir de novembro de 1993.

Carlos Roberto Ferreira Bueno

6 - SUINOCULTURA

Com a queda de temperatura o consumo de carne suína aumentou a partir de junho e esse nível deverá se manter até o final do inverno. As indústrias, que em junho ajustaram os preços aos produtores a cada dois ou três dias, passaram a conceder reajustes maiores em intervalos semanais. O segmento atacadista continuou a realizar estoques em julho, porém, com menor intensidade.

Após ter atingido, em junho, os maiores preços desde dezembro de 1992, em julho de 1993 os reajustes (de aproximadamente 28%) no segmento produtor não acompanharam a inflação do período.

Em agosto, dificilmente o mercado apresentará altas de preços, além da pequena reação no início do mês, em função do anúncio do novo salário mínimo.

Os suinocultores estão apreensivos com as recentes altas nas cotações dos insumos (milho e soja, responsáveis por 70% dos custos de produção da atividade) e a perspectiva é de se elevar ainda mais no segundo semestre, dado o período de entressafra dos dois produtos. Por outro lado, o mercado de suínos só deverá apresentar reação significativa de preços no final do ano, devido ao período de festas.

Eloisa Elena Bortoleto